

## **A VIAGEM DAS IDEIAS AO BRASIL E O REGIONALISMO DE *TORTO ARADO***

### **THE DISPLACEMENT OF IDEAS TO BRAZIL AND THE REGIONALISM OF *TORTO ARADO***

Ana Karla Canarinos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo o estudo de *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior (2019), tendo em vista o papel que a viagem das ideias cumpre tanto na formação do regionalismo no Brasil oitocentista, quanto na sua recuperação, no século XXI. No século XIX, intelectuais europeus, como Bouterwek, Sismondi e Ferdinand Denis, cumpriram um papel fundamental no desenvolvimento do nacionalismo na literatura brasileira. O regionalismo, enquanto uma estética pautada pela descrição dos espaços e personagens afastados dos centros urbanos, foi largamente influenciado pelas ideias nacionalistas vindas da Europa, sobretudo da França. No século XXI, o regionalismo foi retomado por Itamar Vieira Júnior, mas a partir da viagem de novos conceitos desenvolvidos pelos estudos de gênero e de raça no contexto norte-americano. Sob tal aspecto, este texto apresenta a seguinte hipótese: a viagem da teoria literária, sobretudo dos *studies* produzidos nas universidades americanas – *cultural studies*, *queer studies*, *post-colonial studies*, *subaltern studies*, *disability studies*, *afro-american studies*, *latin studies* – impactam no regionalismo brasileiro. Se, no século XIX, o espaço era um elemento determinante da psicologia dos personagens, no século XXI outras questões são trazidas para o debate: a condição de mulher, sobretudo a mulher negra, em um país que ainda sofre pelo seu passado patriarcal e escravocrata. Assim, este artigo pretende analisar o regionalismo de *Torto arado* tendo em vista três aspectos: a viagem das ideias, as discrepâncias com o regionalismo oitocentista e a reconfiguração do gênero no século XXI a partir de questões trazidas pela teoria literária. **Palavras-chave:** *Torto arado*; teoria literária; regionalismo.

**Abstract:** This paper aims to analyze *Torto arado* (2019), by Itamar Vieira Júnior, given the role that the journey of ideas plays in 19th century Brazilian regionalism, and in its

---

<sup>1</sup> Departamento da Literatura Brasileira e Teoria da literatura, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ): <anakarla.canarinos@gmail.com>.

recovery, in the 21st century. In the 19th century, European intellectuals such as Bouterwek, Sismondi, and Ferdinand Denis played a key role in the development of nationalism in Brazilian literature. Regionalism, as an aesthetic guided by the description of spaces and characters away from urban centers, was influenced by nationalist ideas coming from Europe, especially from France. In the 21st century, regionalism is retaken by Itamar Vieira Júnior, but based on the journey of new concepts developed by gender and race studies in the North American context. In this regard, this paper presents this hypothesis: the journey of literary theory, especially of studies produced in American universities – cultural studies, queer studies, post-colonial studies, subaltern studies, disability studies, afro-american studies, latin studies – impact on Brazilian regionalism. If in the 19th century, space was a determining element of the psychology of the characters, in the 21st century other issues are brought to the debate: the condition of a woman, black in a country that still suffers from its patriarchal and slave-owning past. Therefore, this paper will analyze *Torto arado*'s regionalism given three aspects: the journey of ideas, the discrepancies with 19th century regionalism, and the reconfiguration of the genre in the 21st century based on issues raised by literary theory.

**Keywords:** *Torto arado*; literary theory; regionalism.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo o estudo do trânsito das ideias entre Europa, Estados Unidos e Brasil a partir da análise do romance regionalista *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior (2019). Roberto Schwarz (1973), em *Ao vencedor as batatas*, discute as constantes viagens das ideias entre o centro e a periferia, e os desdobramentos da importação do romance para a constituição da tradição literária brasileira. De acordo com a teoria das “ideias fora do lugar” de Schwarz, o romance regionalista, forma romanesca que preconiza a descrição de espaços rurais e o protagonismo de personagens deslocados dos espaços urbanos, foi moldado a partir da chegada de diversas ideias europeias ainda no século XIX. Sob esse aspecto, de acordo com a nossa hipótese, no século XXI, o regionalismo é reelaborado pela via da importação das teorias de gênero e raça concebidas no contexto norte-americano. Se no Brasil oitocentista, o regionalismo absorvia as ideias do romance europeu, sobretudo o francês, atualmente Itamar Vieira Júnior reinventa o gênero a partir de pressupostos da teoria literária americana. Assim, este artigo pretende mapear o impacto que a viagem dos conceitos tem na forma literária do romance brasileiro contemporâneo e de que forma elas interferem na forma mais tradicional brasileira: o regionalismo. Nossa hipótese é que, da mesma forma que o regionalismo foi criado e desenvolvido no século XIX por meio da importação de diversas ideias, sendo a principal delas o nacionalismo, no

século XXI ele é retomado a partir de novos conceitos: a teoria literária, ou Teoria.<sup>2</sup>

A French Theory, criada a partir da viagem de alguns intelectuais franceses para os Estados Unidos: Derrida, Lyotard, Foucault e Deleuze, deu origem aos diversos estudos identitários, que, de acordo com a nossa hipótese de leitura, é determinante para a nova forma de composição do romance regionalista brasileiro. Para tanto, primeiramente mapearemos o modo como a própria origem do regionalismo está perpassada pela viagem do nacionalismo. Como um segundo desdobramento do argumento, analisaremos a forma literária do regionalismo no século XXI através de *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior. Finalmente, discutiremos quais são as implicações da viagem da teoria literária americana para a forma do romance regionalista brasileiro.

As constantes viagens das ideias e conceitos entre o Novo e o Velho Mundo são constitutivas da formação nacional brasileira. Desde o período dos descobrimentos, através das cartas de Pero Vaz de Caminha e João Faras, a perene dialética entre nacional e estrangeiro já se colocava como um problema. Wilson Martins, em *A crítica literária no Brasil*, afirma que a crítica literária brasileira foi predominantemente formada por viajantes estrangeiros, como Bouterwek, Sismondi, Ferdinand Denis<sup>3</sup> e Ferdinand Wolf. O nacionalismo, ideia preconizada primeiramente por Denis no seu *Resumé de l'histoire du Brésil*, pautou todo o indianismo e o regionalismo oitocentista, com o objetivo de tornar o Brasil uma nação de mesmo peso e importância que os países eu-ropeus. Sob este aspecto, a literatura brasileira do século XIX deu mais ênfase aos particularismos

---

2 Segundo Fabio Akcelrud Durão (2011), a passagem da teoria literária para a Teoria (agora com a inicial maiúscula e cada vez mais desobrigada de ser especificamente “literária”), iniciada em meados dos anos 1960 e em concomitância com a emergência do pós-modernismo em sentido amplo, tem na transdisciplinaridade sua principal característica. A enorme liberdade de construção de objetos de leitura e a proliferação de diferentes discursos geraram a conseqüente semiautonomização da Teoria. Esse processo criou um campo de tensão em torno dela, pois a liberdade de construção de objetos de análise acabou por colocá-la sob a ameaça constante de estar sujeita à dinâmica da moda, tornando a Teoria uma “pura tecnologia produtora de narrativas explicadoras” (p. 64). A anomalia da novidade, segundo Durão, aponta para a relação da Teoria com o capitalismo tardio, pois a figura do teórico e a sua flexibilidade de produção de diferentes teorias ditadas pelo mercado assemelha-se “à produção pós-fordista”, que produz novos discursos constantemente, independentemente de qualquer desgaste nos anteriores (p. 64).

3 No século XIX, o maior viajante entre os diversos intelectuais que vieram ao Brasil foi o francês Ferdinand Denis, que foi o responsável por imprimir nos escritores nacionais oitocentistas a verve indianista e de representação da natureza tropical.

ao desenvolver os preceitos e as ideias românticas nacionalistas trazidas por Ferdinand Denis.

Segundo Denis (1825, p. 16), “On sait bien maintenant qu’il n’y aurait pas d’histoire universelle sans les voyages”. Ou seja, o historiador francês atribui às viagens entre o Novo e o Velho Mundo a função de compor a História da literatura universal a partir do conhecimento da produção cultural do além-mar; e formar, dentro do molde civilizatório europeu, a história nacional da literatura brasileira. Nesse sentido, as viagens foram fundamentais para a escrita da História, seja a Universal, seja a nacional. Maria Helena Rouanet (1991), em *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*, realiza uma historiografia dos principais textos produzidos por intelectuais estrangeiros que vieram ao Brasil no século XIX. Segundo a autora, a descrição feita pelos primeiros viajantes ainda no século XVI, e mesmo relatos de viajantes no século XIX, como o de Ferdinand Denis, “vai revelar uma continuidade flagrante e exemplar. O paraíso de riquezas, de bom clima e de belas paisagens atravessou o espaço que vai dos italianos renascentistas ao olhar ‘científico’ do Oitocentos” (ROUANET, 1991, p. 68). Ou seja, a realidade americana foi moldada de forma determinante pelos testemunhos dos viajantes, cuja força desenvolve o imaginário europeu e o sentimento de utopia vinculado à noção de exotismo. E se, por um lado, o “não familiar” e o “estrangeiro” geram um sentimento utópico, por outro lado, abrem também espaço para a domesticação cultural do diferente.

O vaivém das ideias entre Brasil e Europa forma, civiliza e domestica não apenas o Novo Mundo, como também deforma e reestrutura conceitos fixos europeus. Por um lado, as constantes viagens de intelectuais europeus ao Brasil foram responsáveis pela formação cultural, linguística e social da jovem nação, cujos impasses e descompassos da aclimação de valores europeus serão revistos e analisados ao longo de toda a tradição literária nacional. Por outro lado, a descoberta do Novo Mundo exerceu uma forte influência no imaginário europeu, pautado pela visão do paraíso definido como o lugar em que as pessoas “viviam sem padres, sem leis e sem reis, e principalmente que não conheciam nem teu nem meu, pareciam já anunciar as mais ousadas teorias de Rousseau” (CHINARD *apud* ROUANET, 1991, p. 70). Ou seja, a América dos viajantes europeus é descrita não pelo que é, e sim pelo que ela não é, ou seja, ela não é a Europa.

A viagem das ideias enquanto elemento constitutivo da formação da nação brasileira moldou não apenas o imaginário dos europeus sobre o continente americano no período dos descobrimentos, como sobretudo moldou as nações colonizadas dentro do padrão cultural da metrópole. Não obstante a independência de Portugal (1822), “o bando de ideias novas” chegava constantemente pelas viagens de intelectuais entre a colônia e a metrópole: “Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, scientificismo na poesia e no romance, folklore, novos processos de crítica e de história litteraria, transformações da instituição do direito e da política” (ROMERO, 1969, pp. XXIII-XXIV). Sílvio Romero, ainda no século XIX, já denunciava a contradição entre a importação das ideias europeias e a sua aclimatação no contexto brasileiro. Na segunda metade do século XX, a incorporação de diferentes teorias e escolas de pensamento europeias, e sobretudo norte-americanas, vai reinventar o gênero mais tradicional da literatura brasileira: o regionalismo. Se a viagem de Ferdinand Denis foi determinante na chegada do nacionalismo e na descrição do espaço natural e tropical como uma vantagem em relação ao romance metropolitano; no século XXI, o desenvolvimento da Teoria e as constantes viagens dos conceitos em torno de raça e gênero, farão o debate mudar de lugar, das descrições regionais passará a narrar sobretudo a condição da mulher negra num espaço patriarcal e machista.

## **O REGIONALISMO E O DEBATE ATUAL DA TEORIA LITERÁRIA**

O conceito de regionalismo no Brasil ganhou maiores contornos sobretudo no período da passagem do Império para a República, quando o sistema republicano buscou descentralizar o poder monárquico-paternalista em prol de uma representação mais democrática do poder. Nesse sentido, “nação” e “região” são conceitos que surgem como um par opositor: a ideia de “nação” está ligada ao centro do poder, naquela altura o Rio de Janeiro, enquanto a ideia de “região” vai se relacionar a tudo o que seja “um outro” em relação a esse poder central. No século XIX, Ferdinand Denis já havia trazido o nacionalismo como a peça-chave para a criação da literatura brasileira através da descrição dos indígenas e da natureza tropical. O regionalismo, como desdobramento do indianismo, foi uma nova tentativa de pôr em prática as ideias de Denis a partir de outras vozes nacionais diferentes da do indígena: o matuto, o jagunço e o sertanejo. Ou seja, o mesmo impulso nacionalista que promoveu o culto do índio levaria também à mitificação do sertanejo no regionalismo romântico.

Há pelo menos três vertentes do regionalismo no Brasil: 1) o regionalismo romântico;<sup>4</sup> 2) o regionalismo realista; e 3) o regionalismo de 1930. Portanto, a tradição regionalista no romance brasileiro se formou ao longo de uma extensa trajetória que teve início com as preocupações nacionalistas dos românticos até os modernistas, tendo em Guimarães Rosa seu maior expoente. Não obstante as diferenças formais e estruturais entre os diferentes tipos de regionalismo no Brasil, a representação do sertão e os modos peculiares dos personagens habitantes de uma região específica brasileira, afastada do centro, é a tônica entre eles. Sob esse aspecto, podemos afirmar que a contradição central que os unia e que nos interessa destacar é entre um narrador culto e letrado, não pertencente àquele meio hostil; e um personagem inculto, primitivo e deslocado do meio urbano. Após 1950, a literatura regionalista foi perdendo pouco a pouco espaço para a literatura urbana. O nacional-desenvolvimentismo dos anos 1960 gerou um forte desenvolvimento industrial e um superpovoamento das grandes capitais brasileiras, de modo que o espaço urbano superou largamente o regional na ficção, levando o regionalismo quase ao ostracismo na literatura brasileira.

*Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior (2019), é uma exceção dentro da ficção contemporânea brasileira a trazer novamente a temática do regionalismo como central no seu romance. O sucesso de recepção pela crítica brasileira e até mesmo pelo público estrangeiro em parte se dá justamente pela atualização de um gênero que parecia ter sido esgotado com *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1950). Entretanto, o regionalismo de Itamar Vieira Júnior, muito diferentemente do tradicional, prioriza não mais o espaço como protagonista e responsável pelas mazelas sociais dos personagens, mas questões de raça e gênero. Ou seja, a causa principal dos sofrimentos das personagens narradoras não é o espaço hostil e a conseqüente pobreza e falta de oportunidades, mas o ser mulher e negra num país extremamente misógino e racista. Sob esse aspecto, a região funciona mais como um pano de fundo descritivo, do que como determinante no comportamento das personagens.

O romance se estrutura em três partes: “Fio de corte”; “Torto arado”; e “Rio de sangue”. A primeira é narrada por Bibiana, a segunda, por sua irmã, Belonísia, e terceira parte por Maria Rita Pescadeira – entidade

---

4 Segundo Luiz Gonzaga Marchezan, em *O conto regionalista: do romantismo ao pré-modernismo* (2009), o regionalismo oitocentista se divide em três fases: 1) fase precursora: 1830 a 1840; 2) fase de afirmação: 1840-1870; e 3) fase de definição: 1870 e 1890.

onipresente em toda a narrativa. As duas são filhas de Zeca Chapéu Grande, um dos trabalhadores de Água Negra – uma fazenda localizada em Diamantina – e líder do jarê, religião que mistura elementos do catolicismo e da umbanda. Ou seja, o personagem, além de trabalhar arduamente na fazenda para manter a família, também cumpre a função de curar a população de Água Negra e expulsar os espíritos ruins de almas perturbadas. Percebe-se a importância de Zeca Chapéu, o qual pouco a pouco foi conquistando a atenção dos moradores da fazenda até alcançar uma importância política entre os trabalhadores, que consideravam sempre a opinião do mestre religioso. Para qualquer conflito, discussão ou desentendimento em Água Negra, logo chamavam Zeca Chapéu para fazer a mediação e resolver o problema.

Por um lado, Bibiana narra seu forte desejo de abandonar aquele espaço e ir para a cidade encontrar melhores condições de vida. Torna--se professora, mas não encontra espaço para exercer a profissão na cidade e, por isso, passa por situações análogas à escravidão. Por outro lado, Belonísia tem uma relação de maior proximidade com a terra e não deseja estudar ou trabalhar na cidade. E relação por meio da voz de Belonísia que o leitor tem acesso à história ancestral da família, como a de Salu, Vó Donana e Zeca Chapéu Grande. A personagem também narra as vivências de seu povo a partir de sua memória de infância e dos relatos de seus ancestrais.

Na última parte do romance, narrada pela perspectiva de Maria Pescadeira, há um maior enfoque na importância da religiosidade e da ancestralidade entre as pessoas da fazenda, assim como destaca a ocupação da terra de Água Negra e a luta dos povos negros, as reivindicações e os silenciamentos pelos quais passaram.

Nesse sentido, o enredo é todo atravessado por vozes de mulheres trabalhadoras rurais, quilombolas, negras, cujos corpos estão sujeitos à opressão do trabalho semiescravista e à brutalidade do patriarcado. Nesse sentido, as mulheres que se destacam na trama – Belonísia, Bibiana, Salu, Donana e Santa Rita Pescadeira – lutam contra toda uma série de opressões, e apenas através da resistência e resiliência elas conseguem sobreviver ao Brasil escravocrata, racista e patriarcal da segunda metade do século XX. Se o regionalismo a partir de 1950 quase desapareceu da tradição literária brasileira, sendo substituído pela ficção urbana, Itamar Vieira Júnior retoma o gênero pelo destaque às vozes femininas e negras, ou seja, há uma forte relação do romance com a teoria feminista e racial.

O debate em torno da etnicidade, pós-colonialidade e subalternidade desenvolvido no ambiente universitário norte-americano a partir da incorporação dos diversos conceitos de teóricos franceses, como Derrida, Barthes, Deleuze e Lyotard, vai determinar as discussões literárias e teóricas no Brasil a partir dos anos 2000. O sentido de identidade, questionado através da pluralidade, da diferença e do hibridismo, ocupa o lugar do dualismo como mecanismo de análise. Ou seja, oposições como centro/periferia, nacional/estrangeiro, campo/cidade, são trocadas pela múltipla identidade, pela sociedade híbrida, pela recusa da totalidade e pela negação entre a alta e a baixa cultura. As relações entre poder e linguagem acentuam-se a partir do imenso leque de possibilidades interpretativas: feminismo, *gay studies*, teoria negra, estudos culturais, estudos pós-coloniais, estudos decoloniais e estudos subalternos.

É nesse momento que a teoria alcança uma espécie de autonomia diante da literatura, um fenômeno que interfere não apenas na criação de diferentes perspectivas teóricas, mas também na forma literária do romance. No Brasil, a chegada dessas teorias realocou o debate do nacionalismo, que estava em suspenso desde o modernismo, para as questões étnicas, de gênero e de sexualidade. Se, no século XIX, Ferdinand Denis trouxe para o pensamento literário oitocentista a função de fazer literatura brasileira a partir da descrição da beleza tropical, no século XXI, a viagem das ideias preconiza a inserção de múltiplas perspectivas – de preferência, minoritárias – e que a discussão da diferença se dê a partir de um discurso não totalitário e híbrido. *Torto arado* é um composto dessas duas grandes viagens: a de Denis, ao trazer o nacionalismo como a base do indianismo e do regionalismo; e a da teoria literária americana, ao inserir as diversas discussões em torno do papel da mulher e do negro na sociedade patriarcal brasileira.

A chegada dos diversos *Studies* ao Brasil ganhou uma proporção ainda mais forte com o alargamento da pós-graduação, com as políticas educacionais do Partido dos Trabalhadores (PT) e a entrada de um público maior e diverso nas universidades brasileiras. Desde a formação da Universidade de São Paulo (USP), em 1933, o público universitário ainda era muito restrito. A partir de 2005, com a construção de novas universidades no país, a criação de diversas bolsas de estudo e o aumento das vagas existentes, a classe trabalhadora passou a poder entrar na Universidade. E Itamar Vieira Júnior é fruto direto das medidas públicas em prol da educação realizadas pelo PT, sendo o primeiro aluno a

receber a Bolsa Milton Santos, dirigida a jovens negros de baixa renda. O romancista também fez graduação em geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), concluiu o mestrado e posteriormente o doutorado sobre os estudos étnicos e africanos. Nesse sentido, a viagem dos estudos minoritários dos Estados Unidos para o Brasil encontrou um espaço em que novas vozes, de diferentes origens sociais e étnicas, estavam entrando na universidade, um dado que não se pode ignorar na concepção do regionalismo de *Torto arado*.

Nos diferentes regionalismos até 1950, o espaço tinha protagonismo sobre a subjetividade das personagens, ou seja, havia uma relação entre a construção identitária e cultural do jagunço e a descrição do espaço. *Torto arado* mantém, em alguma medida, essa herança do romance regionalista brasileiro ao narrar uma região afastada e subdesenvolvida da Bahia que oprime brutalmente as protagonistas. Por um lado, Água Negra é responsável pelos dramas das protagonistas, por outro lado, a fazenda também é fonte de memórias e de construção narrativa da ancestralidade da família. Sob esse aspecto, a importância do espaço no romance aparece a partir de duas grandes perspectivas: 1) a recusa do espaço, na voz de Bibiana, que conta o desejo de partir de Água Negra para buscar trabalho e condições melhores de vida na cidade; 2) a aceitação do espaço, na voz de Belonísia, que percebe na terra o elo entre gerações passadas e futuras. Entretanto, ainda que o espaço se mantenha como um aspecto importante no regionalismo contemporâneo, os debates sobre gênero e raça superam a problemática espacial. As três protagonistas são mais oprimidas pela condição de mulheres e negras do que pelo nascimento na região de Água Negra. Ou seja, a opressão brutal que antes era consequência da região, no século XXI será contada através de outros mecanismos – gênero, cor e opção sexual.

Na personagem de Donana, a avó de Bibiana e Belonísia, temos a descrição de uma idosa marcada pela perda de dois maridos e pelo assassinato do terceiro companheiro, que cometeu por ele ter violentado sexualmente sua filha Carmelita. A faca utilizada por Donana para assassinar seu marido foi encontrada anos depois, por Belonísia e Bibiana, o que causou a mudez da primeira. Dessa forma, a vida delas é descrita como jornada árdua, com semblantes cansados e envelhecidos, consequência do patriarcado e da rotina que levavam: “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças

que paríamos muito cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas” (VIEIRA JR, 2020, p. 246).

O patriarcalismo e a submissão feminina acompanham inúmeras situações do romance. As meninas, desde adolescentes, deveriam casar-se e viver submissas aos seus maridos. “Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias” (VIEIRA JR, 2020, p. 54). Deviam satisfazer o marido sexualmente, procriar, cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na fazenda. Belonísia, a muda que se cortou com a faca de sua avó, Donana, é uma figura que se destaca no romance por preferir atividades consideradas masculinas e preferir seguir sua vida sozinha, sem marido ou filhos: “Com sua disposição, Belonísia se aproximava mais de meu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com meu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas” (p. 75).

Portanto, diferentemente do regionalismo oitocentista, o debate no romance de Itamar Vieira Júnior ultrapassa o problema do espaço regional. Há todo um universo de negação de direitos das mulheres negras, que trabalham arduamente e não recebem salário, não têm moradia, têm dificuldades de ter acesso à alimentação e são oprimidas pelos maridos. Consequentemente, a descrição de Água Negra como um lugar inóspito é menos brutal que a condição de mulher negra e pobre.

## **ROBERTO SCHWARZ E A VIAGEM DAS IDEIAS LIBERAIS E TEÓRICAS**

Tendo em vista a influência que a Teoria tem na nova concepção de regionalismo no romance brasileiro contemporâneo, Roberto Schwarz (1977), em “As ideias fora do lugar” – texto teórico de abertura da obra *Ao vencedor as batatas* –, analisa as particularidades da sociedade oitocentista brasileira, ao mesmo tempo escravista e burguesa, o que gerou diversas polêmicas com diferentes intelectuais: Maria Sylvia de Carvalho Franco, Alfredo Bosi, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira e, inclusive, Silviano Santiago. O embate entre as “ideias fora do lugar” de Schwarz, “as ideias estão no lugar” de Maria Sylvia de Carvalho Franco e “entre- -lugar das ideias” de Silviano Santiago acirrou as polêmicas no período. Uma vez que o nó em torno do lugar das ideias remete diretamente ao problema da formação dos conceitos no país,

esses intelectuais tentavam responder às seguintes hipóteses: 1) as ideias são formadas no centro e, posteriormente, viajam para as Américas para se aclimatarem ao novo contexto? 2) Elas estão localizadas num lugar intermediário, ou seja, entre a origem europeia e o lugar de chegada? Ou, ainda, 3) a viagem dos conceitos não interfere de maneira determinante, uma vez que o domínio do capital faz com que metrópole e colônia estejam ligadas pelas mesmas ideias, isto é, o neoliberalismo?

Esses questionamentos, bem como o perene debate em torno do nacionalismo na periferia do capitalismo desembocou no argumento de Schwarz a respeito do liberalismo enquanto uma ideia importada e deslocada. Tal caracterização advém do cenário político pós-Independência brasileira, em que o Estado nacional tomou emprestadas determinadas características do liberalismo europeu, ao passo que manteve da colônia a estrutura socioeconômica baseada na grande exploração do trabalho escravo, que produz bens para o mercado externo. “Cada um a seu modo, estes autores refletem a disparidade entre a sociedade brasileira, escravista, e as ideias do liberalismo europeu” (SCHWARZ, 2012, p. 12). O liberalismo, no seu contexto original, onde trabalho livre e igualdade perante a lei correspondiam às aparências, encobrendo a exploração, de fato poderia funcionar como uma ideologia, entretanto, no Brasil, cujas relações materiais eram pautadas pela escravidão, ele passaria a ser o que Schwarz chama de ideologia de segundo grau, ou uma “comédia ideológica diferente da europeia [...] entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original” (p. 12).

No Brasil, o liberalismo foi incorporado principalmente nas relações dos homens livres, lugar em que se configurava a vida ideológica nacional, uma vez que os escravos estavam completamente excluídos da ideologia local. Nesse ponto, Roberto Schwarz, influenciado por *Homens livres na ordem escravocrata*, de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1969), cria as três classes de população: “o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’, na verdade dependente” (SCHWARZ, 2012, p. 16). O crítico acrescenta que o agregado é a caricatura do homem livre, em que o favor é o mecanismo através do qual o latifundiário e o homem livre se relacionarão, apesar de o favor ser completamente incompatível com o princípio da universalidade preconizado pelo liberalismo econômico europeu. Ou seja, as relações entre senhores e dependentes seriam marcadas, como mostra *Homens livres na ordem escravocrata*, pelo favor, até porque essa seria uma forma de estes se diferenciarem dos escravos.

Nesse quadro, o liberalismo, que proclama o trabalho livre e a igualdade jurídica, iria se combinar com a dominação pessoal, o paternalismo, o clientelismo e o favor, tudo isso alimentado pela escravidão. Através dessa inversão, “atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc.” (SCHWARZ, 2012, p. 19). Em outras palavras, o crítico afirma, anos depois, em *Um mestre na periferia do capitalismo*, que entre nós ocorreu o “desenvolvimento moderno do atraso” (2000, p. 39).

Se a viagem do liberalismo gerou a contradição do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo brasileiro, a importação das diversas correntes teóricas europeias e norte-americanas também encontrou contradições na sua adaptação ao contexto nacional. Em “Nacional por subtração”, Schwarz (1987, p. 30) afirma: “Nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, *new criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, recepção”. Esse *modus operandi* da intelectualidade brasileira de manter-se atualizado em relação às últimas modas europeias sem o tempo necessário de maturação, coincide também com a crítica à apropriação de materiais estrangeiros: “E é claro que cantando em inglês com pronúncia nordestina registra um momento substancial de nossa história e imaginação” (2012, p. 10).

A importação da filosofia francesa é mais um artificialismo brasileiro, em que a abolição de fronteiras e de oposições serve mais para render conforto ao sentimento nacional. Ou seja, “demonstrar o infundado de hierarquias” proposto por Derrida funciona nitidamente como “um alívio proporcionado ao amor-próprio e também à inquietação do mundo subdesenvolvido, tributário, como diz o nome, dos países centrais. De atrasado passaríamos a adiantados, de desvio a paradigma, de inferiores a superiores” (SCHWARZ, 1987, p. 35). A crítica filosófica abstrata, como Schwarz denomina a filosofia francesa, é impotente diante da fatalidade da imitação cultural. E o nacionalismo superado pela quebra das hierarquias é reiterado na discussão política e cultural ainda mais fortemente: “A volta pela outra porta reflete um paradoxo incontornável do presente, em que o espaço econômico está internacionalizado (o que é diferente de homogeneizado), mas a arena política não” (SCHWARZ, 1987, p. 37).

Em suma, o estruturalismo, bem como o pós-estruturalismo, é uma ideia fora do lugar para Roberto Schwarz. Em “19 princípios para a Crítica Literária”, ele aborda o problema da teoria e faz uma síntese

caricatural dos cacoetes mais característicos dos ensaios estruturalistas do período: “citar em alemão os livros lidos em francês, em francês os espanhóis, e nos dois casos fora de contexto”; a obrigatoriedade de “citar muito e nunca a propósito. Uma bibliografia extensa é capital. Apoie a sua tese na autoridade dos especialistas, de preferência incompatíveis entre si”; ou, ainda, que o “marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética e pela linguística” (SCHWARZ, 1987, p. 65).

A ironia crítica desses conselhos, que nem somam 19 ao total, é uma crítica direta aos adeptos das teorias estrangeiras. Na década de 1980, no texto “Nacional por subtração”, o crítico retoma o tema da necessidade de atualização e importação de teorias: “Nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, *new criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, recepção” (SCHWARZ, 1987, p. 30). Esse *modus operandi* da intelectualidade brasileira de manter-se atualizado às últimas modas europeias sem o tempo necessário de maturação, coincide também com a crítica ao tropicalismo e à apropriação de materiais estrangeiros: “É claro que cantando em inglês com pronúncia nordestina registra um momento substancial de nossa história e imaginação” (2012, p. 10).

A crítica de Roberto Schwarz refere-se ao desejo pela novidade que move a intelectualidade brasileira, cujo *modus operandi* está pautado na importação desenfreada de diversos conceitos novos da teoria literária, que rapidamente são lidos e aplicados na literatura até chegar à exaustão. Até os anos 1980, a textualidade, o estruturalismo e a desconstrução eram a moda na universidade brasileira. A partir dos anos 1990, os estudos de raça, gênero e sexualidade ganharam maior ressonância no Brasil, e as consequências da recepção das mais variadas vertentes dos *studies* americanos não se dá apenas no plano crítico-teórico, mas inclusive na forma literária do regionalismo. Em outras palavras, assim como a viagem de Ferdinand Denis foi decisiva no desenvolvimento do nacionalismo na literatura brasileira oitocentista, as viagens dos conceitos dos mais diversos pós-colonialismos, decolonialismos e feminismos interferem e modificam a estrutura formal do gênero literário mais tradicional do Brasil.

Schwarz aponta que o mecanismo que rege a intelectualidade brasileira é a subtração, ou seja, as ideias viajam dos contextos europeus e norte-americanos e, a cada nova moda teórica, a periferia recebe essa nova teoria e subtrai a antiga. Em “Cuidado com as ideologias alienígenas (respostas A Movimento)”, ele afirma “de minha parte, não vou dizer que não, mas continuo achando que elas [as ideias] viajam” (SCHWARZ, 1978, pp. 115-116). Segundo o autor, “não inventamos o Romantismo, o Naturalismo, o Modernismo ou a indústria automobilística” e acrescenta que se, por um lado, o desajuste se configura como inferioridade e a organicidade da cultura europeia, como um ideal, por outro lado, “não impede noutro plano que as formas culturais de que nos apropriamos de maneira mais ou menos inadequada possam ser negativas também em seu terreno de origem, e também que sendo negativas lá, sejam positivas aqui, na sua forma desajustada” (p. 116). Ou seja, o problema, para Schwarz, está mais na subtração e na apropriação descabida do que necessariamente na viagem das ideias em si.

## CONCLUSÃO

A viagem das ideias formou não apenas o imaginário brasileiro, como também o imaginário europeu. Os viajantes de ideias, por um lado, tinham a função de contar e narrar a vida no além-mar para o seu país europeu de origem, por outro lado, também tiveram a função de colonizar e domesticar a cultura primitiva local. No século XIX, abordamos a importância do francês Ferdinand Denis na nossa concepção romântica do indianismo e do regionalismo. Ao trazer o nacionalismo e a descrição da natureza como estratégias discursivas para que o romance brasileiro alcançasse um grau de importância universal como os europeus, Denis ajudou a inventar os dois gêneros romanescos mais tradicionais brasileiros.

No século XX, não apenas as formas literárias e as diferentes estéticas viajaram entre os países, mas sobretudo as diferentes correntes da teoria literária, cujo processo de autonomia da literatura começou no final do século XX. A partir da análise de *Torto arado*, percebe-se que não mais a literatura exerce influência preponderante na teoria, mas a teoria começa a interferir na forma do romance. A retomada do regionalismo no século XXI aponta para novas questões identitárias que superam o problema do espaço no regionalismo romântico. A emergência dos debates em torno de gênero e raça ganharam força no Brasil após os anos 2000 e não

apenas condicionam a discussão nos trabalhos acadêmicos dentro da Universidade, como também influenciam a concepção de *Torto arado*, cujo tema é muito mais identitário do que regional. O espaço, enquanto elemento basilar do regionalismo romântico, é sobreposto pelos sofrimentos da condição da mulher negra, o que transforma o gênero mais caro à tradição literária nacional a partir da viagem da teoria literária dos Estados Unidos ao Brasil.

---

## REFERÊNCIAS

- DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire du Brésil*. Paris: Leconte & Durey, 1825.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. Campinas: Autores Associados, 2011.
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. *O conto regionalista: do romantismo ao pré-modernismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ROMERO, Silvio. A filosofia no Brasil. In: *Obra filosófica*. São Paulo: José Olympio, 1969, pp. 5-149.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 2012.
- VIEIRA JR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido: 25/2/2023

Aceito: 23/4/2023

Publicado: 19/7/2023